

O infame capitalismo

Uma local que publicámos anteriormente sob a epígrafe «Como os operários se divertem na América» mereceu do Século algumas referências que não devem, para bem da verdade, passar sem alguns justos reparos.

Essa local dava — como os nossos leitores sabem — uma ideia, embora muito pálida, das regalias que o operariado norte-americano goza e do conforto que disfruta. Citávamos até o facto de algumas categorias de operários possuirem o seu automóvel de passeio.

Imagine-se, pois, quanto um operário naquele país deve ganhar para a sua capacidade de compra chegar a automóveis de passeio, baratos é certo, mas automóveis.

O Século aproveitou o ensejo para, confirmando plenamente o que nesse suento dizímos, bordar considerações que visavam fazer acreditar aos seus leitores que todas as regalias do operário americano se devem à generosidade do capitalismo.

Depois afirma que se os maus governos portugueses não o tivessem impedido com a sua incompetência, também o capitalismo português poderia ser para o operário tão generoso como o americano.

Ora não é bem assim e o Século sabe-o bem. O capitalista americano é essencialmente egoísta e possuidor dum individualismo feroz. O operário com a sua luta constante e tenaz por melhor situação é que ensinou o capitalista americano. Assim, éste verificando que o trabalhador não se deixava esmagar e que, portanto, não podia arrancar do seu salário a fortuna que ambicionava possuir, viu-se obrigado, impelido pelas suas reclamações «exageradas», a facultar-lhe salários que aumentassem a sua capacidade de compra.

A isto chama o Século generosidade e nós egoísmo inteligente. E que o grande industrial verificou que laborava num erro não pagando aos seus operários de forma que eles pudessem consumir-lhe os artigos que manufaturavam.

O sr. Ford, o célebre fabricante dos automóveis baratos, teve algures esta frase que define admiravelmente o espírito egoísta e utilitário do capitalismo americano:

— Quero pagar tão bem aos meus operários que eles possam ser compradores dos meus automóveis.

E de facto assim sucede.

E para compensar o provável prejuízo que a alta dos salários lhe poderia produzir o industrialismo americano — longe de diminuir os salários, como praticamente faz o industrial português — desenvolveu as indústrias, adquirindo máquinas de produzir muito e pela abundância embarcava o artigo para o tornar acessível à multidão de trabalhadores. O industrial português só conhece um meio de ganhar fortunas: produzir pouco — pouco e mau — e vender caro e pagar mal aos operários. Desta maneira, a indústria não cumpre a função social de fomentar o bem estar do maior número, não tende a desenvolver-se, porque o povo trabalhador sem capacidade de compra, não pode adquirir os artigos que fabrica — e resume-se numa chafarica caricata que tem apenas a vantagem de ir pingando lucros certos para o seu proprietário.

Se entre nós há capitalistas que põem as mãos na cabeça, ao saber que numas reclamações operárias na América se exigia a possibilidade de compra de, pelo menos, dois pares de meias de seda para as companheiras dos reclamantes... E provavelmente o arguto comentador destá exigência operária, que decerto não queria ver imitada em Portugal, negocia em meias de seda.

Talvez as quizesse ter em casa para coleção ou — o que é corrente entre nós — vender poucas mas a preços fabulosos, para enriquecer... Como o Século, que é o orientador da classe capitalista portuguesa, parece ignorar estes factos importantsíssimos, justifica-se um pouco que a indústria portuguesa, servida por tão tacanhas inteligências, se encontre ainda tão atrasada. E esse atraso não lesa o industrial que por um processo acanhado sempre vai engordando e enriquecendo, lesa a maioria, lesa o povo trabalhador que amanhã, ao tomar conta dos destinos da colectividade, verificará que, enquanto na América explorando e roubando os industriais deixavam alguma causa útil de pé, em Portugal, explorando e roubando também, deixavam tudo atrasado.

Houve um assassino cujas proezas enceraram uma época de terror e que hoje, ao rememorá-las, muita burguesia tem crises de nervos. Era Diogo Alves o homem de tão temida ferocidade. Pois Diogo Alves pouparia as crianças! A polícia, não. O sr. Ferreira do Amaral considera decreto Diogo Alves um lamecha, um ser dotado dum sentimentalismo «enf...».

A BATALHA

HORA DE PERIGO!

As forças vivas preparam uma violenta e brutal ditadura!

A União dos Interesses Económicos — união dos capitalistas que nos têm roubado e explorado — está preparando um forte movimento de reacção, apoiado por todas as forças conservadoras e reacionárias do país.

O seu objectivo é galgar ao poder para exercer sobre o povo a mais esmagadora ditadura económica defendida pelo Exército, sancionada pela Igreja e manejada pelos monárquicos.

Lançar-se há furiamente contra as pequenas regalias conquistadas pelo povo.

Cairá sobre os sindicatos operários, sobre a liberdade de reunião e de pensamento, reduzindo, pela asfixia, o país ao silêncio.

Estará o povo disposto a suportar essa ferrea ditadura que nem sequer tem um ideal político a impôr, mas apenas as ambições de banqueiros, comerciantes, industriais e agricultores que não cultivam as terras?

A ditadura das forças vivas está na força. Quem tiver amor à liberdade que se prepare para opor-lhe uma nobre e tenaz resistência.

Alerta povo trabalhador!

Alerta avançados!

Congregam-se neste momento os elementos conservadores para preparam a mais tremenda reacção económica que nos podia ser dado assistir. Não se trata, reparem bem, dum simples questão política, em que uns ambiciosos do poder pretendessem desalojar os seus actuais detentores; não se trata também dum movimento exclusivamente monárquico que podesse pôr em risco a vida da república; é sobretudo uma concentração dos homens da finança, das «forças vivas», do patronato, contra os produtores e os consumidores.

Do lado de lá da barricada não se encontram apenas monárquicos, há também muitos indivíduos que se dizem republicanos e na república têm tido situações de destaque. A luta que se vai travar não é entre república e monarquia, mas entre a reacção económica burguesa e o próprio direito à vida.

Na situação actual não há o direito de se ficar de braços cruzados.

Todos nós corremos neste momento um perigo grave, estamos todos sob a ameaça de ficarmos à mercê do despotismo económico das hierarquias financeiras e industriais. Necessário se torna por todas as forças reagir, mas reagir energicamente, dispostos a tudo, inclusivamente a batermos com as armas na mão.

A Batalha não o tem ocultado. Tem feito já o apelo às classes operárias para que se preparem para a resistência, para que tomem parte no movimento de protesto e de luta contra a reacção económica que se está esboçando. Em alguns pontos do país, como por exemplo em Estremoz os trabalhadores rurais, tem-se feito comícios, reuniões de protesto e a excitação revolucionária começo a apoderar-se das massas populares. Necessário se torna que esse movimento se generalize, que por todos a parte se faça ouvir a voz dos explorados, que estão sob a ameaça duma tirania completa.

Os conservadores em todos a parte se organizam. O capitalismo internacional dá-se as mãos, numa solidariedade evidente, para esmagar o proletariado. Em Viena constitui-se um comité internacional para estabelecer uma frente única socialista de combate à reacção capitalista. Esse movimento de resistência tem de ter uma repercussão em Portugal, sob pena de todos os operários, todos os consumidores, todas as vítimas enfim da exploração capitalista que se faz do Minho ao Algarve, ficarem inteiramente reduzidos à miséria.

Prepara-se um golpe audacioso. Pretende-se arvorar em Mussolini o nacionalista Cunha Leal, apoiado pelo seu partido, pela gente da finança e pelas forças económicas, a quem adeririam todos os republicanos sem vergonha que no lance político quizessem fazer o seu negócio.

E preciso impedir a todo o risco essa tentativa de assalto ao poder, com a qual se pretende unicamente

intervir na vida económica, abafando todas as pequenas regalias que as classes exploradas têm conquistado. Não é só a república que está em perigo. Mais do que a república está em perigo a nossa liberdade, as liberdades conquistadas, o nosso estômago, as nossas pequenas regalias, o horário de trabalho, mesmo o salário miserável que pagam ao trabalhador. Está-se preparando uma reacção tremenda e por uma forma como nunca se tentou. Que o operariado se previna, se organize, se prepare revolucionariamente, para responder com a energia que o caso merece à provocação que o capitalismo com os seus manejos lhe está fazendo.

O operariado contra as «forças vivas»

COIMBRA, 28.—Promovido pelo comité de propaganda confederal deve realizar-se em local e hora que será oportunamente anunciado, um comício contra a pretensa ditadura das «forças vivas», secundando assim este organismo operário a ação expediada pela C. G. T. — C.

A Moagem continua provocando a falta do pão

E o ministro da agricultura nada faz, nada diz: deixa consumar o crime!

A Moagem prossegue na sua rebeldia contra os consumidores, no seu soberano desrespeito pelo Estado. O pão cuja falta se vem fazendo sentir há alguns dias, continua ontem a escassear. Isto significa que não desistiu de realizar a manobra que tem este cruel dilema: ou o pão é aumentado de preço ou os consumidores que não são ricos ficarão privados do seu principal alimento.

Privados de pão os bairros operários significam que nêles existe a fome. A Moagem sabe-o, mas que importa a fome dos consumidores, incluindo as crianças, incluindo os velhos, incluindo os doentes, desde que essa fome pode alicerçar faustos lucros? E assim o banditismo moderno: matar sem fazer sangue, assassinar lentamente, sem deixar vestígios.

O governo vive na tranquilidade de quem ignora que o pão falta.

O ministro da Agricultura, que é um gênio de difícil decifração, não se move, não procede. Fica calmo, indiferente, inamovível na sua cadeira de ministro.

Que espera ele? Que a Moagem cesse como por encanto a sua rebeldia? Não é crível. Não é preciso uma pessoa chamar-se Ezequiel dos Campos, possuir o incomensurável talento do sr. Ezequiel dos Campos para saber que as pedras não dão leite e os moageiros não são nem sérios, nem duros, nem generosos. Esperar que a rebelião da Moagem termine equivale a acreditar no impossível.

O ministro não se mexe porque na Moagem não se toca nem com uma flôr. Talvez — quem sabe? — que o ministro não fale sequer com o receio de que uma palavra sua contenda com os nervos da Moagem e esta declare magoadas, ofendida.

E claro que o pão continuará faltando, o governo continuará a não dar por isso e a polícia só os ordens do sr. Ferreira do Amaral vai aguçando os sabres para ensangüentar o lógico protesto das vítimas.

Considera a grande revolução camponesa operada em toda a Europa, graças ao êxodo dos camponeses durante alguns anos e o facto da camponesa se ver forçada a dirigir e a explorar a herdade.

Estamos ainda na aurora desta revolução porque os seus efeitos psicológicos só agora começam a produzirem-se nos jovens do mundo camponês. Esperai pela primeira vez.

A futura economia capitalista em todo o mundo, tanto nos países de moeda ouro, como nos de moeda depreciada teve consequências sociais imensas.

A classe média está por toda a parte mais ou menos depauperada. Porém, a classe média é que constitui a armadura da sociedade quando esta sociedade encerra classes como a sociedade capitalista contemporânea.

Esta armadura acha-se enfraquecida e só aparentemente existe. O mais pequeno choque demoli-la-há e a sociedade desabará. Será o trabalho dos anos futuros, que se

Um grupo de operários da construção civil agredidos à sabrada pela polícia

Uma criança de 12 anos bárbaramente espancada pelos subordinados do sr. Ferreira de Amaral!

Ontem, depois do comício da construção civil, muitos operários, no regresso, subiram o Chiado. Quando já quase todos haviam passado no Largo das Duas Igrejas e poucos ali estavam um grupo de cíacos, sem que para isso houvesse motivo algum, começou de espadear todos quantos lhe apareciam pela frente.

Distinguiram-se nessa heroica façanha os guardas n.º 1135, 1784, 3415 e 2051.

Este último encarniçou-se contra um rapaz de pouco mais de 12 anos, que ia passando perto da «ilha dos galegos», agredindo-o quando ele se levantava depois de ter caído em virtude das espadearidas.

Contra este acto dum cego ferocidade protestaram várias pessoas, entre elas Joaquim Lopes Ferreira, o qual teve a infeliz ideia de aproximar do 2051 dizendo-lhe que aquilo não se fazia a uma criança.

Tanto bastou para lhe caír em cima o 1135, que bárbaramente o espadear, fazendo-lhe um profundo golpe no ombro direito.

Conveni dizer que não houve deixa de Ferreira o menor gesto de provocação ou de resistência.

Os operários não tinham feito a menor provocação, nem tampouco a polícia lhes tinha dado ordem de dispersar. As agressões aos operários, a operários que há dois meses se encontram sem trabalho, lutando com grande miséria, foram extraordinariamente estúpidas, revelando malíssima vez a existência na polícia dum instinto criminal, amoralmente desenvolvido pelo sr. Ferreira do Amaral. A agressão praticada contra uma criança que nem sequer vinha na manifestação, que não deu nenhumas mostras de desrespeito pelos canibais da polícia, é um crime — um crime sem nenhuma espécie de atenuantes.

Que espécie de feras são estes polícias a quem nem uma pobre criança escapa? O prazer de magoar, de ferir, o desejo de fazer mal atingiram na polícia a acuidade dum obsessão doentia e perigosíssima.

A infância está destinada a ser espírito das botifarras da polícia a ser agredida, ensanguentada pelos sabres da polícia? Assim parece, dado nem os menores escaparem à sanha policial.

O sr. Ferreira do Amaral torna-se mais uma vez herói ordenando o espadearamento violento de crianças. Nas idades bárbaras ainda havia o instinto de não agredir crianças. O sr. Ferreira do Amaral ainda considera as idades bárbaras demasiadamente civilizadas.

Houve um assassino cujas proezas enceraram uma época de terror e que hoje, ao rememorá-las, muita burguesia tem crises de nervos. Era Diogo Alves o homem de tão temida ferocidade. Pois Diogo Alves pouparia as crianças! A polícia, não. O sr. Ferreira do Amaral considera decreto Diogo Alves um lamecha, um ser dotado dum sentimentalismo «enf...».

CRÔNICA DE HAMON

A DEFESA DO SR. POINCARÉ

Prova-se com dados certos que o ex-presidente da república francesa contribuiu com o melhor dos seus esforços para desencadear a Revolução no mundo

O sr. Raimond Poincaré é um dos autores responsáveis da guerra mundial. Presentemente para quem não esteja obsecado pelo espírito de partido, éste facto é por todos reconhecido. As provas abundam. Desde as recordações de Paleslogue, os cadernos de Georges Louis, as memórias de Witte, aos documentos oficiais publicados pelo governo russo nos Livros Negros, tudo isto constitui estudos documentados, publicados em volumes escritos segundo o método científico o mais estrito. Presidente do Conselho, Presidente da República, o sr. Poincaré preparou quiz a guerra. Foi o cúmulo de Isvolky, de Salomonoff, de Guilherme II, dos alemães, dos grandes metalúrgicos internacionais. Está provado, é certo.

E depois? Para que lançar a Poincaré as culpas dum crime que poderosamente corrói para desencadear a guerra mundial?

Procedendo por esta forma, Poincaré, foi um artifice magnífico do progresso humano. Compreendo que os conservadores, os reacionários, os capitalistas de todos os países, da França como da Alemanha, da Rússia como da Inglaterra, o estigmatizem por esta guerra que os arruinou ou os conduziu à ruína, porque longe está ainda pelas suas consequências, de ter terminado a guerra de 1914, que um pseudo tratado de paz, aparentemente

Mas os homens de progresso, os espíritos revolucionários, socialistas e anarquistas como Victor Margueritte, Georges Ponsot e tantos outros, deviam enfatizar a imensa obra republicana, socialista, democrática, igualitária, que teve em Poincaré o realizador parcial ao provocar a guerra de 1914.

Se a ordem política e moral se passa ao exame dos resultados da guerra mundial, na ordem científica e industrial constatar-se-há ainda que o progresso realizado em alguns anos excede em muitos anos o ínicio médio do progresso realizado no mesmo tempo de paz. Em todos os ramos científicos e industriais, por sobre a terra inteira, fez-se um esforço colosal coroado de sucesso. A propulsão científica em dez anos foi de tal ordem que as possibilidades de bem-estar para os humanos são muitos maiores em 1925 que em 1914.

E o futuro vive na tranquilidade de quem ignora que o pão falta.

O ministro da Agricultura, que é um gênio de difícil decifração, não se move, não procede. Fica calmo, indiferente, inamovível na sua cadeira de ministro.

Que espera ele? Que a Moagem cesse como por encanto a sua rebeldia? Não é crível. Não é preciso uma pessoa chamar-se Ezequiel dos Campos, possuir o incomensurável talento do sr. Ezequiel dos Campos para saber que as pedras não dão leite e os moageiros não são nem sérios, nem duros, nem generosos. Esperar que a rebelião da Moagem termine equivale a acreditar no impossível.

O ministro não se mexe porque na Moagem não se toca nem com uma flôr. Talvez — quem sabe? — que o ministro não fale sequer com o receio de que uma palavra sua contenda com os nervos da Moagem e esta declare magoadas, ofendida.

E claro que o pão continuará faltando, o governo continuará a não dar por isso e a polícia só os ordens do sr. Ferreira do Amaral vai aguçando os sabres para ensanguentar o lógico protest

MARCO POSTAL

Messines—Manuel Carneiro.—Segue carta. Aguardamos uma resposta urgente.
São do Douro—J. F.—Assinatura paga ate 31 de Março—M. F.—Suplemento pago ate 31 de Março.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JANEIRO

D.	4	11	18	25	HOJE OS SOL.
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,48
T.	6	13	20	27	Desaparece às 17,34
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q. 1	8	15	22	29	Q. C. dia 3 9,10
S. 2	9	16	23	30	Q. M. dia 19 10,11
S. 3	10	17	24	31	L. N. dia 20 11,12

MARES DE HOJE

Praiamar às 7,02 e às 7,25
Baixamar às 0,10 e às 0,32

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 90 dias de vista	9,50	10,80
Londres cheque	10,12	10,13
Paris	4,00	4,00
Suica	1,07	1,08
Bélgica	2,86	2,87
Itália	2,86	2,87
Holanda	2,86	2,87
Madrid	2,86	2,87
New-York	2,86	2,87
Brasil	2,86	2,87
Noruega	2,85	2,87
Suecia	2,85	2,87
Dinamarca	2,85	2,87
Italia	2,85	2,87
Portugal	2,85	2,87
Barreiro	2,85	2,87
Viena (seco cordas)	2,85	2,87
Centimarcas ouro	2,85	2,87
Agio do ouro	2,85	2,87
Libras ouro	112,00	112,00

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Teatro Faro—A's 21—Manhã.
Teatro Batalha—A's 21—Benamore.
Teatro Nacional—A's 21,30—Dickey.
Teatro Panteao—A's 21,30—Mulher Nua.
Teatro Teatro—A's 21,15—Cyrano de Bergerac.
Teatro Batalha—A's 21,15—Ariane.
Teatro São João—A's 21,30—As Duas Orfãs.
Teatro São João—A's 21,30—Variedades.
Teatro Viteiro (A Graca)—A's 21—O Cabo Simões.
Teatro Parque—Todas as noites—Concertos e discursos.

CINEMAS

Olimpia—Chiado Terrasse—Salão Central—Cinema Condes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Promotora de Educação Popular—Cine París—Cine Estrela—Chatelet—Tivoli—Tortoise.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete—Águilas são hoje expedidas malas para o porto de Faro. Muitas malas via do Funchal para a África Austral, cabo da Boa Esperança, Elisabeth e África Oriental, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências registadas ás 11 horas e da ordinária ás 13 horas.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéncias.

Telefone, C. 5339

Escríptorio:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Banco de Portugal

Para continuação dos trabalhos da Assembleia Geral extraordinária deste Banco, são avisados os Senhores Acionistas que constituem a referida Assembleia para se dignarem comparecer na próxima terça-feira, 3 de Fevereiro, pelas 14 horas (2 horas da tarde) no edifício do Banco.

Secretaria da Assembleia Geral do Banco de Portugal, 29 de Janeiro de 1925.

O Secretário, (a) Manuel de Campos Ferreira Lima.

anos depois, Wilhem o bastardo, agora Wilhem o Conquistador, conquistou a Inglaterra à frente dos normandos; o descendente de Rolf o pirata fez-se também soberano de um grande país. Filipe I, rei que reinou em 1098, era o mais glutão e o mais libertino de todos os homens; os senhores combatiam entre si ou devastavam a Gália pelas carnificinas e ladrões. Filipe, importando-se pouco com isto, bebia, dansava, dormia ou galanteava. O seu reino compunha-se sómente dos territórios e das cidades de Paris, de Orleans, de Beauvais, de Soissons, de Reims, de Chalons, de Dreux, do Maine, do Anjou, da Marche e de Bruges; em quanto à Bretanha, à Normandia, à Aquitânia, à Provença, à Borgonha, à Flandres e à Lorena, estavam de baixo da dependência absoluta dos seus condes e dos seus duques soberanos.

Mas ao menos Filipe I reinava como rei no que ele chamava o seu reino de Frância? Não; porque, à exceção dos seus domínios particulares, o reino estava dividido, subdividido, numa multidão de senhorios e de abadias, dos quais os possuidores, reconhecendo-se vassalos, viviam e praticavam como senhores nas suas terras, não respeitando a soberania senão quando a isso os obrigavam pelas armas. Filipe, tan glutão como licencioso, culpado de um duplo adulterio pelo seu casamento com uma certa Bertharda, mulher de um senhor chamado Foulques o Sôrumbatico, não pensava senão na sua amante; debalde os sacerdotes proponham a Filipe I absolvê-lo do seu duplo adulterio, mediante quantia redonda; mas Filipe preferiu guardar a bôlha e a sua Bertharda. Os sacerdotes excomungaram-no, tocando os sinos à sua aproximação, em sinal de luto e de maldição; mas o gordo rei, posto não ser mau, ria às bandeiras despregadas, dizendo à amante sobre os toques de excomunhão:

— Não ouves, minha bela, como esta gente nos dá caça?

Tal era o glorioso rei, que reinava no ano de 1008 época em que começa esta narração.

Anilinas Jacobus

A melhor maneira de resistir à ação de preços dos artigos de vestuário, é tirar os fatos e os vestidos com as célebres anilinas JACOBUS, únicas que se podem aplicar com justificada confiança. Todos as preferem por serem as melhores do mundo. Com uma despesa insignificante fica-se com um traje novo, sem ser necessário pagar ao tintureiro preços exorbitantes.

A venda em todas as boas drogarias do continente e ilhas.

DEPÓSITO GERAL só por atacado: Sociedade Produtos Químicos, Limitada, Campo das Cebolas, 43, 1.º—Lisboa.

A BATALHA

Foi impetuoso o comício promovido entem pelo Sindicato Único da Construção Civil contra a crise de trabalho.



A CRISE DE TRABALHO E A BAIXA DE SALARIOS

Ao comício assistiram alguns milhares de operários

Foram aprovadas as reclamações a apresentar ao governo e Câmara e votada uma moção contra o movimento da União dos Interesses Económicos

O operariado da construção civil, aquele que se encontra trabalhando, correspondendo ao convite do seu Sindicato de indústria, abandonou ontem, ao meio dia o trabalho, a fim de tomar parte no grande comício que aquele organismo convocou para se ocupar da crise de trabalho.

No seu máximo número, formando alguns milhares, nos quais se encontravam uma apreciável percentagem de desempregados, compareceu no Campo das Cebolas, local convocado para a realização do comício.

A's 15 horas, Alexandre Assis declara o mesmo aberto, expondo que o Sindicato da Construção Civil de Lisboa, exortados todos os meios susários junto do governo para a colocação dos 1.079 chôneurs, convocara o comício para o operariado da indústria marcar a atitude a seguir.

Dá em seguida a palavra ao secretário geral do Sindicato, Alfredo Lopes.

Este diz que o organismo que representa reconheceu a necessidade de vir perante a multidão expôr-lhe o pouco interesse que a Câmara Municipal e o governo têm votado a situação do operariado da construção civil.

Relata depois os esforços empregados pelo sindicato para obviar aos inconvenientes da crise, lutando sempre contra o pouco espírito de decisão do governo para solucionar a mesma.

Prometendo à comissão colocar 900 operários nos trabalhos do Estado, só ao fim de muita canseira facultou o emprégo de 300, mas com um salário miserável que apenas lhes permite morrer de fome.

Também a Câmara Municipal sem noção das suas responsabilidades, com a publicação da postura camarária que altera de 6 para 8 anos a limpeza de prédios, prova bem quanto importância liga à crise!

O orador, escaldado depois do egoísmo de alguns operários que estão trabalhando aos domingos e horas suplementares, sendo fortemente aplaudido pela numerosa assistência.

Um movimento nacional se não forem atendidas as reclamações

Por último lê as reclamações a apresentar ao governo e Câmara Municipal, publicadas em *A Batalha* do 14 do corrente, e a moção que segue:

«Considerando que o operariado da construção civil, há três longos meses se vem debatendo com uma enorme crise de trabalho, crise que de dia a dia vai aumentando, prometendo tomar proporções assustadoras;

Considerando que o sindicato se tem esforçado junto das entidades competentes no sentido de se atenuar rapidamente a falta de trabalho, sem que até hoje tenha visto coroado de êxito o seu esforço empregado;

Considerando que a-pesar-das promessas dos ministros do Trabalho e do Comércio, apenas 300 operários se conseguiram colocar nas obras do Estado, motivo por que ainda se encontram sem colocação 1.079 camaradas de todas as especialidades profissionais da nossa indústria;

Considerando que tal situação não pode persistir, por quanto o operariado desocupado e suas famílias se encontram já lutando com os horrores da negra fome;

Mas considerando que não há motivo que justifique a continuidade da paralisação completa das obras da indústria particular ainda em estado de construção;

Considerando ainda, que a-pesar-dos graves riscos que corre a vida e os baveros dos seus habitantes, ainda até hoje não foram demolidos os inúmeros prédios que ameaçam ruína como os da rua de São Paulo, etc., a despeito das nossas justificadas reclamações, nesse sentido já há tempo entregues à Câmara;

Considerando mais, que ao governo e à Câmara, lhes compete tomar medidas tendentes a evitar tais desmandos por parte dos proprietários dos prédios que ameaçam ruína, como dos que têm as obras em estado de construção paralisadas;

Considerando que não faz sentido que enquanto uma enormidade de camaradas não têm onde empregar a sua actividade profissional, outros não tenham tido dúvida em trabalhar ao domingo, e até, o que é mais grave, cometido a traição de trabalharem horas suplementares;

Considerando finalmente que ao governo e à Câmara lhes incumbe, a imediata solução da crise de trabalho existente, pois só assim poderão evitar que o operariado manifeste nas ruas, por forma mais enérgica, a sua repulsa contra os causadores da miséria que lhes invadiram os seus modestos lares;

O operariado da Construção Civil, reunido em comício público, aos 29 de Janeiro de 1925 para apreciar a precária situação dos sem-trabalho e as medidas apresentadas pelo Sindicato tendentes à solução de tão magno problema;

Resolvem:

1.º Não consentir, custe o que custar, que se trabalhe aos domingos, e, muitos menos horas suplementares, especialmente enquanto durar a crise;

2.º Se considerarem traidores à organização todos os operários que não acataram tal resolução, e os que, quando debelada a crise de trabalho, continuem novamente trairão o horário de 8 horas;

3.º Entregar ao presidente do ministério e ao presidente da Câmara as medidas que julga indispensáveis dar-lhe execução, a fim de debelar rapidamente o mal que está afectando o operariado da indústria;

4.º Que se no prazo de 8 dias não estiverem colocados todos os operários que se encontram sem trabalho, o Sindicato deponha a incumbência da sua colocação, e convida a Federação Nacional da Indústria a promover, no mais curto espaço de tempo, uma forte campanha de agitação em todo o país, a fim de levar à prática um grande movimento geral de protesto contra os causadores da miséria do povo e a reclamar que justiça lhe seja feita».

Amadeu de Moura, delegado da U. S. O.,

A CRISE DE TRABALHO E A BAIXA DE SALARIOS

Ao comício assistiram alguns milhares de operários

Foram aprovadas as reclamações a apresentar ao governo e Câmara e votada uma moção contra o movimento da União dos Interesses Económicos

Só um forte movimento fará o governo aperceber-se da situação

Não sendo o momento de passividade, prossegue, é indispensável uma forte ação que leve os poderes constituidos a aperceberem da situação.

Em seu entender o governo está pessimamente colocado em face da autorização pedida ao parlamento de gastar 500 contos com as festas que vêm de realizar-se, quando pela cidade esmolam-se trabalhos.

Alberto Dias, da Federação da Construção Civil, diz considerar um absurdo um comício dos sem-trabalho num país onde tudo está por fazer.

Com palavras repassadas de revolta condene a pusilanimidade do governo perante algumas entidades.

Cita, em reforço da sua opinião, que tendo sido votado um crédito pelo parlamento de 3.000 contos para o prosseguimento das Casas Económicas da Ajuda, de tal forma se moveram algumas entidades, que apenas ali se empregaram um reduzido número de operários sendo o principal da verba para o pagamento do material em débito.

O governo, em seu entender, devia romper com essa burocracia, e fazer pelo menos respeitáveis resoluções do Parlamento.

Aludindo ao desmoronamento de alguns prédios o orador combate vigorosamente a obra da Câmara citadina que só tem favorecido os seus causadores, em prejuízo de inúmeras vidas.

João Caldeira informa que em Lisboa, Almada e outras localidades a paralisação é absoluta, e o grito é: queremos trabalho!

Considera a Câmara uma das entidades mais responsáveis pela não solução da crise.

Se ela quisesse em três dias a crise podia ficar resolvida, afirma o orador.

Um movimento nacional se não forem atendidas as reclamações

Por último lê as reclamações a apresentar ao governo e Câmara Municipal, publicadas em *A Batalha* do 14 do corrente, e a moção que segue:

«Considerando que o operariado da construção civil, há três longos meses se vem debatendo com uma enorme crise de trabalho, crise que de dia a dia vai aumentando, prometendo tomar proporções assustadoras;

Considerando que o sindicato se tem esforçado junto das entidades competentes no sentido de se atenuar rapidamente a falta de trabalho, sem que até hoje tenha visto coroado de êxito o seu esforço empregado;

Considerando que a-pesar-das promessas dos ministros do Trabalho e do Comércio, apenas 300 operários se conseguiram colocar nas obras do Estado, motivo por que ainda se encontram sem colocação 1.079 camaradas de todas as especialidades profissionais da nossa indústria;

Considerando que tal situação não pode persistir, por quanto o operariado desocupado e suas famílias se encontram já lutando com os horrores da negra fome;

Mas considerando que não há motivo que justifique a continuidade da paralisação completa das obras da indústria particular ainda em estado de construção;

Considerando ainda, que a-pesar-dos graves riscos que corre a vida e os baveros dos seus habitantes, ainda até hoje não foram demolidos os inúmeros prédios que ameaçam ruína como os da rua de São Paulo, etc., a despeito das nossas justificadas reclamações, nesse sentido já há tempo entregues à Câmara;

Considerando mais, que ao governo e à Câmara lhes compete tomar medidas tendentes a evitar tais desmandos por parte dos proprietários dos prédios que ameaçam ruína, como os da rua de São Paulo, etc., a despeito das nossas justificadas reclamações, nesse sentido já há tempo entregues à Câmara;

Considerando finalmente que ao governo e à Câmara lhes incumbe, a imediata solução da crise de trabalho existente, pois só assim poderão evitar que o operariado manifeste nas ruas, por forma mais enérgica, a sua repulsa contra os causadores da miséria que lhes invadiram os seus modestos lares;

O operariado da Construção Civil, reunido em comício público, aos 29 de Janeiro de 1925 para apreciar a precária situação dos sem-trabalho e as medidas apresentadas pelo Sindicato tendentes à solução de tão magno problema;

Resolvem:

1.º Não consentir, custe o que custar, que se trabalhe aos domingos, e, muitos menos horas suplementares, especialmente enquanto durar a crise;

2.º Se considerarem traidores à organização todos os operários que não acataram tal resolução, e os que, quando debelada a crise de trabalho, continuem novamente trairão o horário de 8 horas;

3.º Entregar ao presidente do ministério e ao presidente da Câmara as medidas que julga indispensáveis dar-lhe execução, a fim de debelar rapidamente o mal que está afectando o operariado da indústria;

4.º Que se no prazo de 8 dias não estiverem colocados todos os operários que se encontram sem trabalho, o Sindicato deponha a incumbência da sua colocação, e convida a Federação Nacional da Indústria a promover, no mais curto espaço de tempo, uma forte campanha de agitação em todo o país, a fim de levar à prática um grande movimento geral de protesto contra os causadores da miséria do povo e a reclamar que justiça lhe seja feita».

Amadeu de Moura, delegado da U. S. O.,

Una Câmara que envergonha o país

Bastava, continua Caldeira, que ela tivesse uma mais alta noção da salubridade pública. O que vai por essas escadas dos prédios sob a sua fiscalização é tudo quanto há de mais revoltante no ponto de vista de promiscuidade. Obriga a Câmara a proceder a certas limpezas; force os proprietários às respectivas caiações e reparações e assim, não só contribuirá para melhorar as condições higiénicas da cidade, como empregará bastantes chôneurs.

Referindo-se à competência da Câmara o orador em critica mordaz traça a cravadeira a assunto, o qual foi aprovado por unanimidade.

Falaram vários camaradas, ficando resolvido dar o incondicional apoio à Federação Corticeira em qualquer movimento para ajudar a crise na indústria.

João Gomes, em termos vibrantes, diz que os comícios dos sem-trabalho são superfluos, precisamente por tudo estar dito sobre a sua situação.

Também foi repudiada a baixa de salários, que os industriais têm em perspectiva.

Os corticeiros de Alhos Vedros perante a crise

ALHOS VEDROS, 28. — Os operários corticeiros reuniram no seu Sindicato, para se ocuparem da crise de trabalho.

Assistiram dois delegados da Federação Corticeira, que fizeram uma boa semelhança das ideias libertárias, demonstrando as causas gerais e particulares da crise de trabalho.

Foi resolvido não aceitar a baixa de salários defendida pelo industrialismo, e dar todo o apoio ao movimento que a C. G. T. está organizando contra a pretensão do patronato. — E.

Os corticeiros de Alhos Vedros perante a crise

ALHOS VEDROS, 28. — Os operários corticeiros reuniram no seu Sindicato, para se ocuparem da crise de trabalho.

Assistiram dois delegados da Federação Corticeira, que fizeram uma boa semelhança das ideias libertárias, demonstrando as causas gerais e particulares da crise de trabalho.

Foi resolvido não aceitar a baixa de salários defendida pelo industrialismo, e dar todo o apoio ao movimento que a C. G. T. está organizando contra a pretensão do patronato. — E.

Os mineiros ingleses

O comité executivo da Federação dos Mineiros reuniu-se recentemente para examinar a questão dos novos salários pedidos pelos mineiros, quando o contrato actual de trabalho expirar, querer dizer, daqui a alguns meses. Foi decidido pedir a todos os sindicatos mineiros para comunicarem o seu ponto de vista sobre esta questão, e se os proprietários das minas não derem satisfação ao desejo dos mineiros, estes discutirão a possibilidade duma greve geral, que de qualquer forma não poderá ser declarada antes do próximo verão.

O predominio das "fôrças vivas" cimentado com a miséria do operariado

O orador ocupa-se depois do movimento da União dos Interesses Económicos, bordando em volta deles uma sérula interessante de considerações, comprovativas de que as "fôrças-vivas" com o triunfo do seu movimento poriam amanhã em perigo as relações conquistadas à custa de muito sacrificio, pela falange operária.

E' porque o objectivo visa a engrandecer a sua repulsa contra os causadores da miséria, a sua repulsa contra os causadores da miséria que lhes invadiram os seus modestos lares;

Guilherme Mesquita, da Federação da Juventude Sindicalista, tem algumas palavras de incitamento a um movimento contra a crise.

Alfredo Lopes informa que, em virtude de ser impossível fazer ontem mesmo a entrega das reclamações, só tal se fará num dos próximos dias.

João Gomes, volta a falar, para reforçar as palavras de Silva Campos no combate a miséria operária.

Depois, apresenta a seguinte moção:

«O operariado da construção civil, reunido em comício público, aos 29 de Janeiro de 1925 para apreciar a precária situação dos sem-trabalho e as medidas apresentadas pelo Sindicato tendentes à solução de tão magno problema;

1.º Não consentir, custe o que custar, que se trabalhe aos domingos, e, muitos menos horas suplementares, especialmente enquanto durar a crise;

2.º Se considerarem traidores à organização todos os operários que não acataram tal resolução, e os que, quando debelada a crise de trabalho, continuem novamente trairão o horário de 8 horas;

3.º Entregar ao presidente do ministério e ao presidente da Câmara as medidas que julga indispensáveis dar-lhe execução, a fim de debelar rapidamente o mal que está afectando o operariado da indústria;

4.º Que se no prazo de 8 dias não estiverem colocados todos os operários que se encontram sem trabalho, o Sindicato deponha a incumbência da sua colocação, e convida a Federação Nacional da Indústria a promover, no mais curto espaço de tempo, uma forte campanha de agitação em todo o país, a fim de levar à prática um grande movimento geral de protesto contra os causadores da miséria do povo e a reclamar que justiça lhe seja feita».

Amadeu de Moura, delegado da U. S. O.,

Queixas e reclamações

Um reles perseguidor

Procurou-nos o camarada Avelino de Castro, de Sintra, declarando-nos não ser exacta a notícia publicada no nosso número de 27 do corrente com o título «Um reles perseguidor», que nos foi enviada particularmente daquele vila.

Disse-nos o mesmo camarada que o atingido de há muito que se incomodou com o hipotético perseguidor, e que o despedimento foi motivado por razões de ordem profissional, sendo estranho o caso do aluguer do quarto.

Avelino de Castro que o seu despedimento foi motivado por razões de ordem profissional, e que o despedimento foi motivado por razões de ordem profissional, sendo estranho o caso do aluguer do quarto.

Acrecentou Avelino de Castro que o seu despedimento foi motivado por razões de ordem profissional, e que o despedimento foi motivado por razões de ordem profissional, sendo estranho o caso do aluguer do quarto.

João Gomes, volta a falar, para reforçar as palavras de Silva Campos no combate a miséria operária.

Depois, apresenta a seguinte moção: